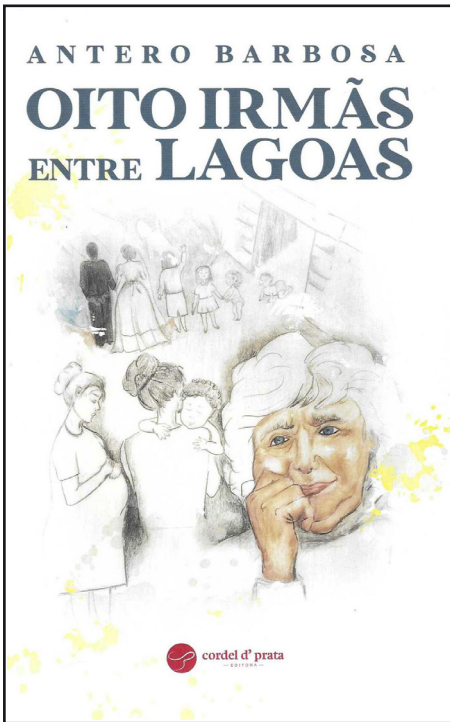


Antero Barbosa: *Oito Irmãs entre Lagoas*. Carnaxide: Cordel d'Prata, 2024. 287 pp. Ilustrações de Cidália Pinto.

José Barbosa Machado (UTAD / CEL)

DOI: 10.58155/revistadeletras.v2i3.620



Antero Barbosa é sobretudo um poeta, mesmo quando escreve prosa narrativa. E este seu livro, *Oito Irmãs entre Lagoas*, é uma narrativa poética, não só pelo estilo, cuja sintaxe, o léxico e a combinação das palavras releva das técnicas poéticas, mas também pela forma como trata os assuntos que, centrando-se no real quotidiano, tocam o imaginário mítico.

Dividido em quatro secções com um título específico (“Oito Irmãs”, “Aprendiz de Narrador”, “Entrelagoas” e “Lídia tal Denise”), o romance (se é que de romance se trata, pois o autor e/ou a editora não o rotulou) desenvolve-se em dois locais distintos: o campo e a cidade. O campo será uma

aldeia algures próxima das vivências do autor (talvez no concelho de Marco de Canaveses, norte de Portugal, embora nenhum indício o possa esclarecer nem isso tem grande importância) e a cidade do Porto. São entre estes dois lugares que os narradores (os dois nomeados, pois há um terceiro, que se pode identificar com a voz do autor) falam das suas vivências e das personagens suas conhecidas ou por si recriadas.

O primeiro narrador, Jaime Bastos, na secção que abre o livro, conta a história das “Oito Irmãs”, pela voz do narrador-autor (chamemos-lhe assim, pois este narrador fala do próprio Jaime em terceira pessoa). Pai Morais, um lavrador da velha guarda, prometeu a si próprio, à família e aos conhecidos levar ao altar as suas oito filhas ainda virgens. E fez tudo o que estava ao seu

alcance para que isso assim ocorresse, não dispensado os meios dissuasórios da violência doméstica, da ameaça, da espionagem – «recorre a tudo e a todos para saber de todas as passadas das filhas» (Barbosa 2024: p. 62) e da vigilância constantes para o conseguir. Tirando uma filha ou outra que, mais por inabilidade própria do que por medo ao pai, as raparigas acabaram desfloradas antes de chegarem ao altar, enganando assim o pai vigilante. «A todas e uma olha Pai Morais, e ufano oferece sem que o percebem, esse vulto de mulher almejado, [...] pronto para o sacrifício do leito noturno» (2024: 42). Na figura de uma das filhas, Eva, «que figura as oito juntas, Pai Morais vê a figura da honra, são vinte anos de castidade que hoje se dá à pura perda, é um castelo inviolado que ele ergueu para que os noivos, no dia certo, pousam fazer ruir pedra a pedra» (2024: 42).

A virgindade das filhas, para a honra de um homem como Pai Morais, é uma questão essencial: «Se a virgindade consiste na não invasão fálica da vagina, Pai Morais tem a certeza de que são virgens as mulheres que doa aos noivos» (2024: 65). Sabe que algumas das filhas trocaram uns beijos e uns abraços com os namorados, «mas o ninho que se abriga dentro das saias está invulnerado ainda que roçagado» (2024: 65). Vão engano, embora ele afiance aos vizinhos, de cara lavada, que «das oito filhas que Deus lhe deu, todas casadas e nenhuma desdenhada, entregou-as aos maridos como de Deus as recebera» (2024: 65). Para ilustrar o pouco efeito que tão severa vigilância teve, o narrador ocupa-se a ilustrar as aventuras amorosas de cada filha e depressa se conclui que todas se esforçaram por sujar as barbas do pai.

Emanipadas as raparigas, morto o pai e a esposa, o narrador visita a velha casa abandonada e é a partir dessa visita que decide escrever a história da casa, do proprietário, da esposa do proprietário e das oito filhas: «faço primeiro a visita, sem horário nem plano, nem chamada, guiado por um acaso daqueles que se seguem a almoço de domingo, e só depois arquiteto este simulacro de convocatória de minha exclusiva iniciativa» (2024: 21).

As outras três secções do livro são longas reflexões, quer do Tomás de Barros, quer do seu amigo Saul, que entra como segundo narrador, num discurso próximo da poesia, acerca da vida no campo e da vida na cidade, do ato de escrever (a segunda secção, como referimos, intitula-se “Aprendiz de Narrador”), as vivências amorosas e sexuais de ambos e os casos de que ouviram falar. As oito filhas do Pai Morais vão aparecendo, como contraponto, numa tocata e fuga onde se cruzam espaços, tempos e personagens.

Na secção “Aprendiz de Narrador”, temos ora a voz de Tomás de Barros, ora a de Saul. Distinguimos as deste último pelas páginas ou passagens em

itálico. Sobre o primeiro, seu amigo pessoal, diz Saul: «Escritor, conheço muitos, a maioria *light*, Jaime Bastos é de todos o mais clássico embora com pretensões poligráficas. (20024: 108). Face às partes da obra em que temos o Jaime Bastos como narrador – «Jaime Bastos autor apócrifo do evangelho de Pai Morais» (2024: 110) –, é de crer que este seja o alter-ego de Antero Barbosa, não sendo de desprezar que Saul seja também ele um alter-ego, ou, à boa maneira pessoana, um heterónimo, face às diferenças de enunciação que podemos encontrar.

As lagoas, palavra que faz parte do título da obra, tem a sua simbologia. «O Jaime, escritor convicto, criou a teoria de que entre duas épocas de vida – por exemplo, entre a era das filhas de Pai Morais e a nossa atual – se formam lagoas, lagoas de águas mortas, que só a memória, em metáfora de barco, pode decifrar» (2024: 117). Fazendo lembrar Bachelard nas suas reflexões acerca das águas mortas e paradas dos lagos na obra *L'Eau et les Rêve*, encontramos afirmações como esta: «A lagoa morta encerra nos seus fundos os mortos entretanto falecidos, os vivos que se tornam mortos por terem envelhecido ou envilecido, e os vivos atuais que escondem passados em terrenos de omissão» (2024: 117). A água parada é para Bachelard «une substance pleine de réminiscences et de rêveries divinatrices» (1942: 122).

Na secção “Entrelagoas”, há uma série de reflexões sobre a escrita e a linguagem. Afirma um dos narradores (provavelmente o que representa a voz do autor) que «as personagens são semânticas» (2024: 185). Para que as personagens vivam, «é preciso reduzi-las a letras. Voltar ao almofariz. Mas as letras são impotentes e impróprias. Nenhuma vogal, nem todas as vogais uma a uma, logram traduzir esse mundo» (2024: 185). As consoantes a mesma coisa. Nem umas nem outras são capazes de «retratar esse mundo» (2024: 186). «Todavia, são elas, juntas e em dança, que podem originar o milagre» (2024: 186), formando palavras e estas formando frases. «É a frase, na pauta vazia em que nasce a escrita, vivendo de uma diversa linfa que é a grafia, que pode reviver esses mudos mundos mortos» (2024: 186).

Embora, a nível intertextual, o livro comungue temas e motivos de outras obras e autores, podemos encontrar as seguintes referências literárias diretas: a poesia trovadoresca (2024: 222), Gomes Eanes de Zurara e João de Barros (2024: 189), Camilo Castelo Branco (2024: 241 e 251), José Régio (2024: 145), *Aparição* de Vergílio Ferreira (2024: 221), Balzac (2024: 268) e *O Paraíso das Damas* de Émile Zola (2024: 266-272). Esta última obra é de crucial importância, pois o autor vai aí buscar a personagem Denise Baudu e insere-a na última secção do livro, “Lídia tal Denise”. Assim como a Denise

zoliana abandonou a sua aldeia e foi para Paris, assim Lúdia abandonará a aldeia das oito irmãs para se radicar na cidade do Porto. Lúdia alimenta Jaime Bastos de histórias de mulheres que lhe servirão para o livro: «Jaime Bastos aproveita a chuva que cai, em barços, para o confronto entre as mulheres que serão carne deste livro. As mulheres de Lúdia, as de Denise e as oito irmãs virgens da aldeia da blusa branca» (2024: 272).

Terminamos com um breve apontamento sobre o estilo. Quando descreve a vida na aldeia, o autor utiliza algum vocabulário de fundo popular, como *pojadura*, *preguiceira*, *beber até às barbas*, *não lhe estão borradas as barbas*, *rebo*, *presigo*, *chiadoiro*, etc., que faz lembrar Aquilo Ribeiro ou até Camilo. Algumas frases evidenciam o lado poético do autor, pelo seu inusitado e pela sua musicalidade: «As finas agulhas do vento ganham garganta» (2024: 49); «caminha no lajedo do lugar-comum» (2024: 138); «Jaime para e depara, avança quase empurrado, está tenso e pretenso» (2024: 161); «muito mais sóbrio que o sombrio Jaime Bastos» (2024: 163); «acendem um quadro na minha frente. Na minha frente» (2024: 165); «atividade teatral das pessoas devidas personagens, impregnadas de percentagens várias de máscara» (2024: 166); «Estou na rua para o café que dá parto de partida à tarde de domingo» (2024: 143). Por fim, é com alguma frequência que faz uso seguido da conjunção *e*: «e desregramento e vitória e crueza» (2024: 165); «A água passa a ribeiro e a rio e a mar» (2024: 165), «esta pele é sexual, de mãos vista e vestida e despida» (2024: 216); etc.

Estas *Oito Irmãs entre Lagoas* de Antero Barbosa confirmam a existência de um escritor de voz original, infelizmente pouco conhecido dos meios literários nacionais, que merece mais atenção dos estudiosos e, sobretudo dos leitores que estejam cansados da literatura *light*, que o próprio aliás critica e da qual se afasta, dando a entender que a literatura é muito mais do que uma historieta mal contada. É o reflexo da vida, numa lagoa que é a memória, onde tudo vai ter e tudo se mistura.

Referências bibliográficas:

- Bachelard, Gaston. 1942. *L'Eau et les Rêves : Essai sur l'Imagination de la Matière*. Paris: Librairie José Corti.
- Barbosa, Antero. 2024. *Oito Irmãs entre Lagoas*. Carnaxide: Cordel d'Prata.